

“Astrophobos” – H.P. Lovecraft

Tradução: Renato Suttana

Quem é Renato Suttana?

Renato Suttana é doutor em Letras e professor de Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), em Guarapuava-PR. É autor de Uma poética do deslimite: o poema como imagem na obra de Manoel de Barros (dissertação de mestrado PUC-MG, 1995), de João Cabral de Melo Neto: o poeta e a voz da modernidade (tese de doutorado, UNESP-Assis, 2003) e do livro de poesias Visita do fantasma da noite (2002). Suttana também mantém seu site na web <http://www.arquivors.com>. Contatos com o tradutor podem ser feitos pelo email: rsuttana@arquivors.com

No céu da meia-noite a se incendiar,
através da profunda imensidão,
vi certa vez, com sôfrega emoção,
o brilho de uma estrela singular,
que a cada novo ocaso retornava
e junto ao Carro do Ártico brilhava.

Ao seu fulgor belíssimo, dourado,
ondas de pura graça se mesclavam,
enquanto sonhos de êxtase baixavam
em mírrea névoa elísia misturados;
e aos acordes das líras, maviosos,
cantares lídios soavam, harmoniosos.

E – pensei – são cenários de deleite
onde moram os livres e os benditos,
e há nas horas tesouros infinitos,
que o feitiço do lótus mais enfeite;
e onde, líquido e doce como o mel,
flui o som do alaúde de Israfel.

Mundos de uma ignorada beatitude
ali – tal eu supunha – se acendiam,
onde a paz e a inocência se acolhiam,
junto ao trono supremo da Virtude,
e onde na luz bruniam homens justos
seus pensamentos límpidos e augustos.

E eu devaneava assim, quando à visão
sobreveio vermelha, atroz mudança,
em derrisão tornando-se a esperança,
e a beleza em desgosto e distorção,
as cordas em estranhas colisões,
e um caos imenso de espectrais visões.

Tornou-se rubra a estrela da loucura,
enquanto eu perscrutava o seu fulgor;
e o que foi alegria era amargor,

a Verdade expulsando à visão pura;
e espiavam mil demônios de olhos maus
por entre o brilho e a febre desse caos.

Agora sei que fábula encantada
essa áurea refulgência me contou,
e evito o que ontem vi e me enlevou
nessa longínqua treva constelada.
Mas eis que o horror, imóvel e inclemente,
ficará na minha alma eternamente.